

## **Ecos da Revolução Mexicana na Imprensa Brasileira**

Carlos Alberto Sampaio Barbosa

Prof. de História da América - UNESP/Assis

O objetivo dessa apresentação é verificar como a Revolução Mexicana foi acompanhada pela imprensa brasileira e por seus intelectuais. Este movimento social teve uma grande repercussão na imprensa norte-americana, latino-americana em geral e brasileira em particular. Podemos até comparar que a Revolução Mexicana, em termos proporcionais, obteve a mesma repercussão em nosso continente na primeira metade do século XX do que a Revolução Cubana na segunda metade. Seus reflexos foram sentidos nos meios artísticos das sociedades latino-americanas e representados pela literatura, cinema, fotografia e as artes plásticas. Além dessa ampla repercussão por todo o continente, os ecos da Revolução atingiram o Brasil sua imprensa e intelectuais. Aqui os jornais noticiavam quase que diariamente informações do desenrolar dos acontecimentos em terras mexicanas. Em nosso trabalho vamos destacar quatro artigos redigidos por Manoel de Oliveira Lima (1867-1928) e publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* no ano de 1911.

Essa apresentação é fruto de um trabalho de pesquisa, que se encontra em andamento, desenvolvido com os alunos de graduação do curso de História da UNESP/Assis visando um exercício de investigação em arquivo. Nesse sentido quero agradecer em especial a aluna Gabriela Sousa de Queiroz que realizou um aprofundamento desse trabalho durante sua iniciação científica no ano de 2003. Utilizamos o acervo de periódicos do Centro de Apoio e Desenvolvimento à Pesquisa – CEDAP. A delimitação temporal abarcou desde a eclosão do movimento insurrecional no México, com o lançamento do Plano de San Luis Potosí em 20 de outubro de 1910, até a eleição de Álvaro Obregón como presidente da República, em novembro

de 1920, que simbolizou a vitória da chamada “Dinastia de Sonora” e que marcou o início da institucionalização do país.

Além de um exercício de pesquisa para os alunos de graduação a pesquisa se justificaria pela inexistência de tal levantamento no Brasil. Num balanço preliminar constatamos um rico material em quantidade e qualidade exemplificado nos artigos assinados por Oliveira Lima. Esse material permite uma série de cruzamentos com questões relacionadas à própria ótica ideológica dos jornais e sua visão à respeito do conflito mexicano, assim como uma crescente preocupação do Brasil com uma maior participação no cenário mundial, o que envolve a problemática das Relações Internacionais.

No levantamento realizado no jornal *O Estado de S. Paulo* entre os anos de 1910 e 1920 localizamos até o momento aproximadamente 423 notas e matérias publicadas. Foram impressas também algumas fotografias provenientes do arquivo Casasola, principalmente retratos dos principais protagonistas dos acontecimentos mexicanos tais como Porfírio Diaz e Francisco Madero.

As notícias foram publicadas nas colunas “Exterior-México” e “Exterior-Estados Unidos” e eram fornecidas pelas agências de informação que eram norte-americanas e francesas. Essa constatação possibilita supor a existência de uma política de distribuição da informação para a região por órgãos de informação estrangeiros. O início do século XX presenciou a mudança do fluxo de informação no mundo. Antes da Primeira Guerra Mundial, as grandes agências de notícias, até aquele momento: *Havas*, de Paris; *Reuter*, de Londres; a *Wolf*, de Berlim e *AP*, de Nova York, mantinham um pacto de intercâmbio, distribuição exclusiva de notícias e divisão de mercado, em que toda a América Latina ficava para a agência de notícias francesa. Após a guerra essa situação mudou, e agências norte-americanas se aproveitaram da conjuntura européia para ocupar o espaço, principalmente a *International News Service* e a *United Press*, que posteriormente se fundiram e formaram a *United Press International*. Assim, após 1918 era de Nova York que se distribuía as notícias para a América Latina.

Uma parcela considerável das notícias eram referentes à relação entre os Estados Unidos e seus interesses econômicos e políticos e o caminhar dos acontecimentos revolucionários. Foram repercutidas matérias referentes à situação no México e que apareciam em jornais norte-americanos como o *New York Times*, *New York Sun*, *New York Herald*, *Financial News*, *Daily Mail*, *Daily News* e *Morning Post*. Os acontecimentos de fronteira também foram destaque como a mobilização de tropas e a possibilidade de intervenção. A visão que nós brasileiros possuímos do México desse período em muitos aspectos foi construída pela imprensa nacional via agência de notícias. Podemos afirmar como um acontecimento que marcou a região na primeira metade do século XX foi compreendido e divulgado em nosso país sob um olhar enviesado, um viés estrangeiro por mais que o jornal tivesse uma preocupação com o México.

Deste enorme manancial de informações destacamos algumas matérias escritas por um dos principais pensadores e diplomatas brasileiros da época, Oliveira Lima. Ele escreveu uma série de quatro artigos que foram publicados no jornal entre os dias 24 de junho e 30 de julho de 1911, um mês antes da queda de Porfírio Díaz. Esses artigos foram redigidos durante sua estada na França entre abril e maio de 1911 quando realizou conferências na Sorbonne.

O primeiro artigo publicado na coluna “Coisas Estrangeiras” e denominado “A situação no México” foi escrito em abril de 1911 em Paris, ou seja. Nele Oliveira Lima traça um perfil do país e de seu governante mexicano:

“O México tem estado na ordem do dia. Todo o mundo estava capacitado, com ou sem razão – eu penso que com razão – de que a morte do presidente Diaz significaria uma perturbação profunda da tranqüilidade publica do paiz que, sob sua dictadura de mais de trinta annos, desenvolveu consideravelmente os seus recursos, alcançando notavel grau de prosperidade e de credito, e até a reputação de uma nação organizada, estável e progressiva, tal a irradiação projetada pela paz forçada em que tem ella vivido desde que a governa a mão ferrea de ‘Dom

Porfirio' [presidente] da república mexicana, se presidente se pode chamar um autocrata e republica o seu dominio" (OESP, 24/06/1911, p. 2).

Qualifica-o como governante que conseguiu desenvolver o país até atingir um grau de prosperidade, crédito, reputação e levando a nação a um estágio de organização e de estabilidade sem igual na sua história. Entretanto tal empreendimento não ocorreu sem um alto grau de autoritarismo. Define Díaz como um ditador que dirigiu o México com mão de ferro sem permitir a existência de uma oposição. Mas segundo o autor, o México não alcançaria esse desenvolvimento por outros métodos pois o país era um caos no período anterior e cita como exemplo negativo o governo do General Antonio López de Santa Anna (que governou o país em vários mandatos entre 1833-1855), e positivo a curta fase de governo do imperador Maximiliano.

"Com dom Porfirio desaparecerá um dos homens eminentes de século XIX [...] foi elle quem deu realidade às visões politicas de Juarez, [...] possuia justamente estas qualidades que o tornaram senhor absoluto do Mexico desde 1877. A sua queda é tão inesperada que desnorteia a previsão dos mais aguçados e experimentados. O Mexico identifica-se com elle aos olhos do estrangeiro dentro do país não havia opposição, porque qualquer que se erguesse era implacavelmente supprimida. Foi este o seu segredo do exito das sucessivas administrações de Diaz: nenhum quartel aos adversários em armas [...] Resta saber se com outro methodo teria d. Porfirio imposto a paz e feito voltar a ordem no Mexico [...]chega a duvidar-se de que pudesse surtir effeito processos diferentes. Não sei de historia mais anarchisada e mais vergonhosa. O truão sinistro que foi Santa Ana projecta sobre ella a sua sombra grotesca e repugnate, ora trucidando adversarios, ora fazendo-se chamar 'Alteza Serenissima" ou fugindo covardemente diante dos americanos, ou tratando de negociar pedaços de territorio nacional e a propria independencia da patria [...] general de comédia [...]"(OESP, 24/06/1911, p. 2).

Já sobre a intervenção e a segundo império mexicano afirma:

“Foram aquellas classes que deram seu melhor apoio à intervenção francesa que culminou na criação do imperio de Maximiliano. Uma monarquia digna e esclarecida pereceu-lhes com sobeja razão muito preferível ao depotismo ignorante e brutal que até ahi constituiria o governo da nação” (OESP, 24/06/1911, p. 2).

Chama a atenção a perspicácia de Oliveira Lima para a situação de decomposição política do regime porfirista mesmo estando na Europa. Percebeu a fraqueza e a debilidade do velho ditador e utilizou para ilustrá-la a fábula do leão moribundo que não conseguia manter-se pelas glórias passadas. Nem mesmo seu fiel aliado e parceiro comercial dos últimos 34 anos os Estados Unidos, nesse momento de debilidade se designou a apoiá-lo. Antes aconselhou-o a retirar-se.

“Não falta aliás, mesmo nos Estados Unidos, quem ache esta [abdicação] a melhor solução, e digo ‘mesmo’ porque a politica exterior do governo de Diaz consistiu mais que tudo em viver bem com o governo de Washington, em attrair capitaes americanos [...] No momento psicologico os Estados Unidos negam-se porém a auxiliar o compadre que tanto lhes procurava a amizade e aconselham-no antes a que se retire, fazendo-lhe sentir um tanto bruscamente que já passou a sua hora e que chegou o instante de deixar o palco politico.” (OESP, 24/06/1911, p. 2).

A situação entre México e Estados Unidos foi explorada com maior profundidade em outro artigo publicado no dia 10 de julho de 1911. Nele desenvolveu a tese de que o país foi dominado pelos grupos econômicos-financeiros norte-americanos, que possuíam investimento de cerca de “900 milhões de dólares”. Esses grupos monopolizavam diversos setores produtivos e cita como exemplos as empresas *Guggenheim* que controlava a fundição e as minas de cobre, a *Standard Oil Company* que possuía a maior parte da produção de petróleo, aproximadamente 90%, a *Americam Sugar Trust*, grande produtora de açúcar, a *Continental Rubber Company* na borracha e a *Wells-Frago Express Company* que controlava os transportes

ferroviários. Esse domínio econômico refletiu-se no político “para onde quer que corra o capital este dominará o governo”.

Chamava a atenção de Oliveira Lima que “com tanta ameaça de desassossego do outro lado da fronteira”, com a iminência de uma guerra civil generalizada e tantos investimentos no país não se cogitava a anexação do México aos Estados Unidos. Intervenção sim, para proteger seus interesses “incorporação não, porque o sistema de trabalho que permite os referidos lucros, com muito maior certeza se manterá sob a bandeira mexicana que sob a bandeira americana [...] enquanto poder ser conservado como uma colônia servil não será anexado”. (OESP, 10/07/1911, p. 2).

Em outro artigo “O ocaso de um grande homem” redigido em maio de 1911 e publicado alguns dias depois (29/06/1911) Oliveira Lima comparou Díaz com outros “tiranos” latino-americanos como Rosas da Argentina e Castro da Venezuela. Utilizou como subsídio para este artigo o livro *Barbarous Mexico*, escrito pelo jornalista norte-americano Kenneth Turner, publicado recentemente nos Estados Unidos, que relata as atrocidades cometidas pela polícia secreta do Estado. O regime porfirista definido como de caciquismo político era dominado pelos chefes políticos locais e sustentado pela Polícia Rural e por um exército “que costuma ser [como] em algumas das democracias latino-americanas [...] recrutado violentamente entre os elementos inferiores da população, mais ou menos adestrado, mas no fundo ignorante e inconsciente.” (OESP, 29/06/1911, p.2)

Estes textos foram escritos entre 1908 e 1912 quando residiu em Bruxelas na Bélgica durante o período que permaneceu na legação brasileira. Seu trabalho nesse período consistiu em estabelecer atividades mais voltadas para uma diplomacia cultural, realizando uma série de conferências em universidades européias nas quais expunha sua tese de que a unidade nacional brasileira havia sido fruto da Monarquia brasileira durante o século XIX. Tal tese foi reforçada por sua experiência na Venezuela entre 1904 e 1906. Suas análises da conjuntura mexicana reforçavam sua visão desenvolvida nesse período.

Deve-se salientar que sua estada em Caracas se deu na passagem do século XIX para o XX, fase de tensão no continente. Em 1898, tivemos a Guerra Hispano-Americana, seguida de uma política intervencionista norte-americana baseada numa nova leitura da Doutrina Monroe, dirigida pelo então presidente dos Estados Unidos, Theodor Roosevelt. Tal postura levou Oliveira Lima a um posicionamento crítico com relação aos Estados Unidos. Tais opiniões expressaram-se em seus livros *Pan-americanismo: Monroe, Bolivar, Roosevelt*, de 1907 e *Impressões da América Espanhola* escrito nessa época, mas publicado postumamente em 1953. Oliveira Lima utilizou-se de um arcabouço de um pensamento social-darwinista para explicar o estágio inferior de desenvolvimento dos países em que predominavam índios como o Peru, Bolívia, Equador e México.

Nesses artigos assim como em seus livros expressou sua opinião de que as repúblicas hispano-americanas tiveram suas histórias marcadas pelo caudilhismo, militarismo, instabilidade política, debilidade econômica, política e cultural, o que facilitou o expansionismo de nosso vizinho anglo-saxão do norte. O México viveu primeiro um período de caos político para logo depois cair no despotismo do regime porfirista. Tais considerações sobre esse país reforçavam seu posicionamento favorável à monarquia brasileira, responsável no seu ponto de vista pela unidade nacional brasileira. Enquanto que as interpretações negativas com relação à América Hispânica em geral e ao México em particular demonstraria a anarquia, fruto dos regimes republicanos.

Para finalizar essa apresentação quero fazer uma rápida apresentação da repercussão da Revolução Mexicana no jornal *A Voz do Trabalhador*. Esse jornal começou a ser publicado no Rio de Janeiro em 1908 e era porta voz da Confederação Operária Brasileira, que surgiu em decorrência do Congresso Operário Brasileiro realizado em 1906. Circulou até o ano de 1915 e foi talvez junto com outro periódico *A Terra Livre* um dos mais importantes das duas primeiras décadas do século XX. Nesse jornal as notícias sobre a Revolução Mexicana tomam corpo no ano de 1913, período intensa participação popular. Assim em um conjunto de artigos publicados

ao longo desse ano os editores do jornal declaram apoio aos rebeldes mexicanos explicam a situação política no país e criticam a cobertura dada pela imprensa ‘burguesa’ à Guerra Civil Mexicana. Essa crítica nos parece em parte direcionada aos jornais brasileiros, pois vejamos o início da matéria:

“De vez em quando os jornais burguezes publicam telegramas, recebidos por vias indiretas, noticiando uma ou outra batalha no Mexico. Essas noticias, para quem não acompanhou o movimento desde o começo, podem levar a crer que a revolução no México é feita com impulsos espasmodicos, que o governo consegue abafar imediatamente. Puro engano. A revolução, iniciada há trez anos com a queda de Diaz, continúa até hoje com a mesma intensidade, e não cessará, embora apareçam ‘salvadores da situação’ como Madero e Huerta, enquanto os peones não obtenham o que tanto sangue lhes custou: a restituição das terras que lhes foram roubadas.” (Voz do Trbalhador, 15/03/1913)

O jornal notícia também o envio de uma carta de protesto dirigida ao presidente dos Estados Unidos contra a detenção de lideranças do Partido Liberal Mexicano: Ricardo e Enrique Flores Magón, Anselmo Figueroa e Librado Rivera. Outra informação que esse jornal nos dá era a venda de exemplares do jornal *Regeneración* por 500 contos de reis. Este periódico era órgão de propaganda do PLM, naquele momento editado nos Estados Unidos, de tendência anarquista e dirigido pelos irmãos Flores Magón.

Assim nesse balanço prévio podemos fazer algumas constatações. A América de origem espanhola não era tão desconhecida do público brasileiro. Existia uma circulação de informações e idéias pela imprensa. Poderíamos até comprar um periódico editado nos Estados Unidos e voltado para o publico mexicano. Os acontecimentos da Revolução Mexicana romperam fronteiras e ecoaram em território brasileiro.